Ano XVIII — Lisboa, Maio de 1962 — N.º 205

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 676607 — Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA
Galardoado com a «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRAFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

AS REGRAS DO JOGO

Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.

JESUS CRISTO



MANHÃ cedo, ao romper da alva, aí vão os escoteiros, alegres e buliçosos, a caminho do campo. Na alvorada da vida, eles amam a natureza, buscam o ar livre, onde podem tonificar o sangue e gozar as delícias do sol amigo. Dando as costas ao último casario da cidade, ei-los a desdobrar cartas topográficas, sob o céu azul, procurando orientação para a jornada. Mais além, do outro lado da montanha, outros companheiros procedem a igual operação. Vai desenrolar-se no bosque e na serra o grande jogo-escoteiro. Mais uns momentos e será um prazer vê-los correr e saltar; trepar aqui e rastejar mais além; observar com atenção; iludir a vigilância do adversário. O grande jogo escoteiro é actividade dura, requer espírito de iniciativa, capacidade de decisão rápida, sentidos apurados. Jogar é permitir a expansão dos instintos naturais para os dominar e canalizar, numa acção educativa intensamente útil. Através do jogo, o rapaz desenvolve aptidões inatas, realizando naturalmente um exercício físico completo. Quanto mais o grande jogo exigir de vigor e de perspicácia maior satisfação dará aos escoteiros e mais entusiasmo despertará nos contendores.

O primeiro acto do jogo foi de orientação, busca de sentido. Mas para que o jogo seja realmente educativo e feliz é indispensável que existam regras, escrupulosamente observadas. Sem regras não há jogo. Pelo menos não há jogo válido nem vitória digna. Mas o Escoteiro é leal, não faz trapaça, cumpre as regras.

O grande jogo escoteiro é, afinal, imagem da própria vida. Apela às mesmas energias e aptidões que a vida requer. O jogo é ficção; a vida é realidade. Naquele participam voluntàriamente jovens escoteiros; nesta todos são chamados a intervir. Ninguém se poderá furtar ao prélio. Isso seria demissão, suicídio, negação da vida. Certamente que a principal finalidade do Homem é viver; viver com alegria e felicidade. Jesus Cristo disse que viera a este mundo para que tivéssemos vida, e vida com abundância. Muitos interpretaram esta mensagem como promessa de vida no além. Nós acreditamos que essa vida abundante é para começar a ser gozada aqui e a partir do momento presente. E não se trata sòmente de vida espiritual, mas da vida humana na sua plenitude. Para isso Jesus nos trouxe a preciosa regra áurea do amor— *que vos ameis uns aos outros* — autêntica lei de veneração da vida. E merece realmente a pena viver quando o Amor perfuma a existência.

O desporto de hoje encontra-se envilecido porque deixou de ser praticado por prazer. Aqueles que descem às arenas não buscam as delícias da competição. Procuram finalidades materiais, tentam vencer a todo o custo, iludem as regras, e a luta fica sem Beleza.

A vida é também para ser vivida por prazer. Goethe teve uma real noção do valor da existência ao reconhecer: *Quanto mais penso, mais evidente me parece que a vida existe para ser vivida.* O homem será feliz se considerar a vida como o maior benefício do Criador e o va-

Pág. 2 ——→

ECOS DAS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU

FIDELIDADE

Quando da visita à antiga sede do Grupo Um na rua das Gaivotas, um dos mais antigos elementos daquele grupo, homem já «avô», cabelos brancos, encontrava-se à porta do edifício. Tratava-se de um dos mais fervorosos antigos escoteiros, cuja saudade e amizade pelos companheiros da sua mocidade era bem patente. Ao cumprimentá-lo, dissemos que julgámos que ele já se tivesse retirado. O nosso bom amigo deu qualquer explicação pela sua presença ali à porta, mas, depois, com sinceridade bem escoteira, declarou: Olhe vim para aqui para fumar o meu cigarrinho. Não tive coragem de o fumar à frente do chefe Ernesto de Sousa.

Ernesto de Sousa não teria sequer feito reparo se o seu dedicado companheiro fumasse na sua presença, o que seria perfeitamente natural, mas a fidelidade e o respeito ao seu antigo chefe era tão profunda, que o velho escoteiro não foi capaz de o fazer.

Não sabemos que mais admirar: Se a personalidade do Chefe que assim se impunha à estima e respeito dos seus rapazes; se o espírito de fidelidade do Escoteiro. Ambos significam muito como índice do alto padrão educativo do antigo Grupo Um.

ESCOTEIRO e ESCUTEIRO

Já é velha a questão da ortografia da palavra escoteiro. Já é velha e, reconheçamos, não é demasiado importante. No entanto, os antigos escoteiros da A. E. P. sabem que essa palavra não é derivada de escuta *nem tão-pouco uma adaptação do* scout *inglês. Ela existia já no nosso léxico desde há séculos. Foi usada por Camilo, é usada por Aquilino, e faz parte ainda da linguagem corrente,*

Pág. 2 ——→

AS REGRAS DO JOGO

← Pág. 1

lor supremo que importa salvaguardar e proteger em todas as suas manifestações. Claro que a Vida não é apenas a nossa vida pessoal, mas toda a vida que nos cerca, da qual nos devemos considerar guardiões, responsáveis. São as *regras do jogo* — os nobres princípios do Homem —os imperativos dessa reverência pela Vida. Alberto Schweitzer, o grande médico missionário, afirma: *A ética da Reverência pela Vida força o homem a preocupar-se sempre com todos os destinos humanos, os destinos da vida, que seguem seu curso na sua própria área de vida, e o força, também, a dedicar-se, como homem, ao homem que dele necessite. (...) De acordo com a responsabilidade de que sou consciente, eu mesmo é que tenho de decidir qual a parcela da minha vida, de minhas posses, dos meus direitos, da minha felicidade, do meu tempo e do meu repouso, que devo dedicar a outrem, e qual a parte de tudo isso que posso reservar para mim.*

A reverência pela vida leva, pois, o homem a ser leal à própria vida. Sente-se responsável pelo seu semelhante. Ortega y Gasset, eminente pensador espanhol, reconheceu que *foi um erro incalculável sustentar que a vida, abandonada a si mesmo, tende ao egoísmo, quando ela é na sua raiz e essência inevitàvelmente altruísta.* O altruísmo — a grande regra da vida escoteira — é o sentimento que importa inculcar nos novos como base da felicidade humana.

Desgraçadamente, porém, os homens não estão observando as regras do jogo. O egoísmo levou o homem a voltar-se para si próprio na estulta pretensão de se interessar apenas pela sua vida. A vida, porém, é algo indivisível. Se a doença, a miséria, a dor grassam em nossa volta, nunca nos poderemos julgar salvaguardados. Seremos forçosamente contagiados. Afirma Alfredo Adler, famoso psicólogo vienense, que *o indivíduo que não se interessa pelo seu semelhante, é o que tem as maiores dificuldades na vida e causa os maiores males às outras pessoas. É entre tais indivíduos que se verificam todos os fracassos humanos.* Tal como no desporto, a vida vivida em egoísmo não tem Beleza. Porque interesses mesquinhos animam as acções dos poderosos, o homem oprime e explora o homem, promove a guerra, destrói a Vida, a sua própria vida.

Nunca como hoje o terrorismo foi tão usado na vã tentativa de solucionar problemas sociais. O terrorismo é essencialmente desrespeito das regras do jogo — dos princípios humanos — e por isso atenta contra a vida. Sofrimento, confusão, desespero, ódio, são consequência dessa luta sem princípios.

Venturosamente nós, Escoteiros, que nos revigoramos no contacto íntimo com a natureza e amamos a vida em todas as suas manifestações, habituámo-nos, desde novos, a não fazer batota. Somos leais. A nossa preocupação é servir, servir o próximo ou seja servir a vida. A Promessa dá-nos o sentido da vida; a Lei do Escoteiro as grandes regras do jogo. Resta-nos usar de toda a influência para trazer até nós a mocidade, para que amanhã os homens tenham adoptado a nossa maneira leal de jogar e possamos gozar a existência em toda a sua plenitude. Conforme exorta o jornalista Pierre van Paassen, *devemos viver e proceder com a consciência de sermos todos responsáveis uns perante os outros, porque todos temos um destino eterno em comum e dependemos do Pai, que a todos nos fez irmãos.*

«SEMPRE PRONTO»

A Comissão Executiva da Comemoração do 50.º Aniversário da Fundação do 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal, em ofício assinado pelo seu Presidente, o nosso estimado Amigo sr. Cosme Vieira Leitão, teve a amabilidade de apresentar a «Sempre Pronto» os seus agradecimentos pela nossa presença na sessão solene e pelo noticiário feito no nosso jornal, serviços que prestámos com todo o prazer.

Nós é que desejamos felicitar aquela Comissão pelo brilho das comemorações que empreendeu e agradecer as atenções dispensadas a «Sempre Pronto».

★ ● ★

Este número foi visado pela Comissão de Censura



António Pinto Moreira

Em 30 de Abril passado, faleceu em Gaia o nosso estimado amigo Sr. António Pinto Moreira, muito antigo e dedicado chefe do Grupo 44 com sede naquela Vila.

A sua família e aos Escoteiros do Grupo n.º 44 apresentamos sentidas condolências.

ECOS DAS COMEMORAÇÕES DO JUBILEU

← Pág. 1

especialmente nalgumas províncias do Norte.

Escuteiro, *que apareceu consagrado no Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa, publicado pela Academia, é uma palavra recente, que não substitui o antigo vocábulo* Escoteiro, aquele que viaja sem bagagem, o pioneiro das milícias portuguesas, aquele que vai ligeiro. *Mas estas questões de ortografia têm às vezes atrás de si implicações. A palavra* escoteiro *sugere um espírito de fidelidade aos princípios fundamentais do Escotismo. Por isso não admira que, antes de começar a sessão solene comemorativa do cinquentenário do Grupo Um, tivéssemos podido surpreender duas das mais ilustres e representativas figuras que honraram aquela sessão, discutindo o assunto e defendendo calorosamente a grafia com O. Pois se os antigos e os actuais mais distintos preferem a palavra escrita com O; se esta grafia é correcta e genuìnamente portuguesa, porque havemos nós de mudar de ortografia?*

Não devemos esquecer que aquele Vocabulário é resumido e, portanto, é natural a omissão de muitos vocábulos.

UM HERÓI

O velho chefe José Rodrigues, do Grupo 7, compareceu uniformizado na sessão solene. Estava presente um dos mais antigos e mais brilhantes voluntários dos Lisbonenses. Este, voltando-se para um amigo nosso, aponta José Rodrigues e diz: Este homem é um herói. Quando havia revoluções aliava-se aos Lisbonenses e digo-lhe que praticou façanhas que o afirmaram como um herói. É um bravo!

É este o testemunho insuspeito de um homem que sabe apreciar a bravura, porque como bombeiro soube também arriscar a sua vida.

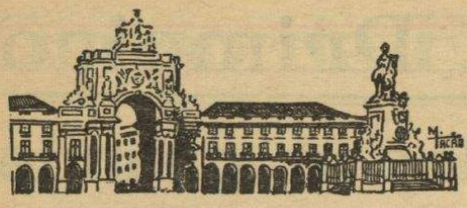
● ● ○ ● ●

NÚCLEO DE AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

Uma significativa oferta

O nosso dedicado amigo Rev. Eduardo Moreira teve a amabilidade de oferecer a «Semore Pronto» vinte exemplares da interessante obra em verso «Campo de Concentração — mil e um versos de dor e de esperança» para serem vendidos a favor do nosso jornal.

Trata-se de uma significativa e valiosa oferta, que reconhecidamente agradecemos.



ESCOTISMO NA CAPITAL

Homenagem a B. P. no Grupo 5

Na sede do Grupo n.º 5 realizou-se no fim de Março passado, a cerimónia que se tornou já ali tradicional da homenagem anual a B. P. Estavam presentes alguns dirigentes e escoteiros de grupos da Capital, o Chefe Regional do Centro e seu ajudante, o Director da Escola de Chefes, bem como o sr. Manuel Lopes Peixoto, secretário das relações internacionais, e o corpo directivo de «Sempre Pronto».

Os escoteiros do Grupo 5 formaram junto ao busto de B. P, tendo sido convidado o Sr. M. L. Peixoto a dizer algumas palavras acerca da personalidade do Fundador. Este, referiu a admiração que todos os escoteiros nutriam pelo Chefe Mundial, em face da sua brilhante personalidade e pela nobreza do seu carácter, que deve servir de modelo a todos os escoteiros. Disse que B. P. se reconhecia pelo TIMBRE do seu carácter. Podemos dizer que há muitos caracteres, mas o de B. P. se distinguia pelo timbre que, tal como o do cristal, tinha um tom superior, cristalino.

Os membros do Grupo 5 puseram, um a um, uma flor no pedestal do monumento e um representante do Grupo 2 um ramo de flores. Depois da saudação, foi cantado o hino nacional e os escoteiros destroçaram.

Depois desta sessão o Eng.º Nobre Santos, director da Escola de Chefes, coadjuvado pelo Chefe Pena Ribeiro, realizaram mais uma sessão do Curso de Explanação de Escotismo, no qual participaram dirigentes e caminheiros de alguns grupos de Lisboa.

Actividade da Região Centro

No domingo 29 de Abril p. p., na Serra do Monsanto, realizou a Chefia Regional a primeira actividade de campo deste ano, na qual tomaram parte lobitos, escoteiros e caminheiros dos grupos de Lisboa e Sintra, com actuação isolada das respectivas divisões, como é evidente.

Esta reunião escotista, que durou todo o dia, foi interessante de seguir, sendo de salientar o entusiasmo e disciplina com que os rapazes se entregaram aos jogos.

Em campos bastante distanciados entre si, pudemos apreciar a actuação dos lobitos e escoteiros, dando cumprimento ao programa Os caminheiros tiveram igualmente actuação isolada.

Numa análise sumária, não podemos deixar de salientar com agrado a boa impressão que nos ficou da apresentação e actuação de todos os presentes, principalmente da Divisão Escoteira, espinha dorsal do nosso Movimento, já pela quantidade de escoteiros presentes, já pela compostura e entusiasmo que todos demonstraram, o que lhes mereceu a admiração e interesse das muitas pessoas que seguiram as suas evoluções.

O Chefe Regional tem razão para estar satisfeito, pois viu já alguns frutos do seu esforçado trabalho, representados na alegria daquela centena de rapazes a quem foi proporcionada uma actividade verdadeiramente escoteira.

No final do exercício, o antigo escoteiro Sr. Luís Simões Aurélio dirigiu a palavra aos escoteiros, numa breve palestra sobre o seguimento e interpretação de pistas, contando a propósito um ardil do Príncipe Perfeito que, quando tinha apenas 22 anos, conseguiu iludir os castelhanos simulando um rasto de uma grande força de cavalaria.

O orador foi atentamente escutado.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 4'62

A OBRA DA SEDE

O Chefe do Grupo de Escoteiros de Santarém precisou de reconstruir a sede da sua unidade e contratou para isso um pedreiro, um carpinteiro e um pintor, a quem ficou de pagar a quantia de Esc. – 700$00 pelo trabalho dos três. Ora o pedreiro trabalhou 3 vezes mais do que o carpinteiro, e 8 vezes mais que o pintor.

Como deve ser distribuído o dinheiro de forma a que todos tenham a mesma paga por hora de trabalho?

Solução do problema n.º 3/62

António perdeu 6 botões ganhos por João. Havia 96 botões Adicionando 3, 4 e 5 obtém-se 12. Eles tinham respectivamente 3/12, 4/12 e 5/12 do total e no fim 15/48, 16/48 e 17/48.

Multiplicando as primeiras fracções por 4 obtém-se 12/48, 16/48 e 20/48. Paulo não perdeu nada e João ganhou 3/48 representando 6 botões; haviam então $48 \times 2 = 96$ botões.

★ ● ★

ESCOTEIROS DE PORTUGAL
EM SERVIÇO MILITAR NO
ULTRAMAR PORTUGUÊS

José Eduardo de Oliveira Figueiredo
Belmiro Alves de Azevedo

Do Grupo n.º 4, Porto — ambos servindo em Angola

Amílcar Margarida Pires Vaz
servindo em Angola

José Manuel de Jesus Fernandes
servindo em Moçambique

Do Grupo n.º 60, V. R. St.º António

Sabemos que outros Escoteiros se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas. Pedimos a todos os chefes para nos darem a conhecer os seus nomes e colocações.

* * *

Na actividade da Divisão Escoteira, que decorreu sob a forma de concurso inter-patrulhas, verificaram-se resultados interessantes. Damos a seguir a pontuação das dez patrulhas melhor classificadas:

1.ª — Cão, do 79 — 384 pontos
2.ª — Tigre, do 8 — 368 "
3.ª — Cão, do 94 — 315 "
4.ª — Leão, do 8 — 283 "
5.ª — Águia, do 10 — 281 "
6.ª — Leão, do 10 251 "
7.ª — Galo, do 1 — 225 "
8.ª — Veado, do 7 — 210 "
9.ª — Pantera, do 2 — 208 "
10.ª — Águia, do 93 — 202 "

À patrulha «Cão» do Grupo 79 foi atribuído o «escalpe PATATENRA».

* * *

Na divisão lobito também se realizou um concurso inter-bandos, tendo obtido a melhor classificação um bando do grupo n.º 7.

Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa

A «Tertúlia Edípica», com sede em Lisboa 1, na Rua de Arroios, 11, r/c., está a publicar uma obra verdadeiramente útil para todos os que se dedicam às letras: Escritores, jornalistas, professores, estudantes, advogados e outros. Trata-se da mais moderna e completa obra de sinonímia publicada em Portugal, com cerca de 1000 páginas.

A venda será feita em seis fascículos de mais de 160 páginas ao preço de Esc. 25$00 cada um, ou a obra completa e encadernada em pergamóide, por Esc. 165$00.

Aquela Sociedade envia a obra à cobrança para qualquer parte do continente ou das ilhas.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Mil e um versos de dor
e de esperança

por E. M. PÈRENOËL

Se quiséssemos resumir num só adjectivo este livro, diríamos que ele é **saudável**, *tomando o termo na sua acepção etimológica «de aquilo que dá saúde», neste caso a saúde moral. Porque é saudável, é* bom, *e porque é bom é* belo. *Portanto, «saudável, bom e belo» constitui o somatório das virtudes desta obra (...).*

«Rato Sábio» in «Sempre Pronto»

À venda na Redacção do «Sempre Pronto» — Esc. 10$00

Rev. Dr. Luís Rodrigues Pereira

Este nosso dedicado amigo e assinante, recebeu em princípios deste mês uma expressiva e significativa homenagem do povo e autoridades de Vila Franca de Xira, por motivo de abandonar a actividade clínica em virtude da sua consagração como Bispo da Igreja Lusitana.

Ao acto associaram-se as forças vivas daquela vila ribatejana, pessoas e entidades de todas as correntes religiosas, que manifestaram ao Rev. Dr. Luís Pereira a sua profunda gratidão pelo verdadeiro apostolado como exerceu a medicina e pela dedicação constante e tantas vezes desinteressada ao povo de Vila Franca.

«Sempre Pronto» associa-se às homenagens prestadas ao seu estimado assinante, cuja alma escoteira *sempre pronta a servir* merece a nossa profunda admiração.

• • o • •

FALTA DE ESPAÇO

A larga reportagem das comemorações do 50.º aniversário do grupo 1 ocupou muito espaço e impediu-nos a inserção de outro original e noticiário, do que pedimos muita desculpa.

O Cinquentenário do Primeiro

Revestiu-se de muito brilho e grande

O vasto salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses foi pequeno para conter o público e escoteiros de todos os grupos de Lisboa, que acorreram à sessão solene comemorativa do 50.º aniversário da fundação do Escotismo em Portugal. Presidiu o Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, que representava o Presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. Almirante Henrique Tenreiro. Na mesa de honra sentavam-se os srs. Rev. Eduardo Moreira, presidente de honra da Comissão Executiva das Comemorações; Dr. Francisco Cortês Pinto, presidente do Tribunal de Honra dos Escoteiros, ladeados, como membros de honra da sessão, pelos srs. Ernesto de Sousa, antigo escoteiro-chefe do Um; Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros; comandante Diogo Afonso, secretário-geral da A. E. P.; Cosme Vieira Leitão, presidente da comissão executiva das comemorações; General Jorge Oom, antigo escoteiro do Grupo n.º 3; Frederico Pereira Jardim, vice-presidente da Direcção dos Bomb. Lisbonenses; Jaime dos Santos Trindade, Humberto Martins, Daniel Correia, Coronel Francisco Caetano Dias, antigos escoteiros do Um; Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva, escoteiros-chefes-gerais adjuntos; Benjamim Aug. Neiva, presidente da Direcção da Associação Cristã da Mocidade; Manuel Lopes Peixoto secretário das relações internacionais da A. E. P.; Eng.º Nobre Santos, director da Escola de Chefes da A.E.P.; prof. Aníbal Ramos, presidente da direcção regional da A.E.P.; José Maria F. Jardim, actual chefe do grupo aniversariante; e o Director de «Sempre Pronto».

UMA «RELÍQUIA» DA DIRECÇÃO DO GRUPO 1

Aberta a sessão, falou o Rev. Eduardo Moreira, que disse competir-lhe, como «relíquia» da direcção do primeiro grupo, saudar e agradecer a presença dos membros de honra da sessão, bem assim de todos aqueles que se tinham dignado assistir à sessão.

Os que assistiram às demonstrações técnicas dos Escoteiros do Grupo N.º 1, que usufruíram a sua alegre e correcta convivência, jamais os esqueceram» — recorda Miranda Trigueiros em mensagem enviada de Olhão.

Em 7 de Janeiro de 1925, uma delegação de escoteiros do Grupo 1 constituída por Fernando Castel-Branco, Albano da Silva, Leão de Almeida, António Prates, Baptista da Silva, Avelino Gonçalves, Silva Paulo, Aníbal Vieira, Álvaro Vieira e Edmundo de Matos, chegou a Olhão para estimular o desenvolvimento do Escotismo no Algarve. No cais, entre numerosa multidão, encontrava-se ainda Humberto Martins, que seria o primeiro chefe do Grupo local. Esta visita foi um autêntico êxito e dela resultou um admirável entusiasmo que levou à fundação do Grupo n.º 6. João Miranda Trigueiros recorda esse acontecimento com palavras de saudade e gratidão em mensagem lida na sessão solene e termina com as seguintes palavras: *No dia em que se comemora o quinquagésimo aniversário do 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal, prestante, honrado, patriota e estruturalmente escotista, nós, os algarvios — os antigos e modernos — enviamos esta mensagem fraternal de saudação e exprimimos os sinceros votos de LONGA VIDA, sempre brilhante e útil.*

O antigo dirigente Sr. Dr. Fausto Salazar Leite expressa o seu apreço pelo grupo Um com uma significativa oferta.

O Dr. Salazar Leite, que tanto trabalhou pela difusão do Movimento em Portugal, presente na sessão solene, entregou uma mensagem de saudação e acrescenta: *Há quarenta anos que guardo entre os meus mais estimados livros uma edição do «Scouting for Boys» meio centenária como o vosso Grupo. Estimo a por este facto e por ter pertencido a um amigo de família, o distinto oficial da Armada, Almirante Borja de Araújo, que, como B.-P., bem serviu o seu país na Europa como no Ultramar. Ofereceu-me seu filho, e será pertença do 1, se a quiser aceitar, veículo das saudações fraternas aos antigos e aos novos e saudade dos que deixaram boa memória.* O volume em questão é um exemplar da 4.ª edição, publicada em Londres em 1911. Pertenceu em 1912 a A. Taylor, certamente o cônsul de Inglaterra em S. Vicente de Cabo Verde, onde fundou um grupo de escoteiros. Trata-se, portanto, de uma autêntica relíquia que vai ser honrosamente conservada na biblioteca do «Um.»

OUTRAS SAUDAÇÕES

Também Edmundo de Matos, «antigo» do Um e agora residente em Lourenço Marques, enviou dali um sentido telegrama de saudações para os seus velhos companheiros.

Estava no programa que daria o seu testemunho como Antigo Escoteiro o jornalista e escritor Mário Domingues, cujo discurso era aguardado com interesse. Infelizmente, porém, por motivo de saúde não lhe foi possível estar presente, mas um telegrama de saudações marcou a sua amizade aos companheiros dos velhos tempos escoteiros. Cansado Gonçalves, de Lourenço Marques, e Sigvald Wiborg, no Porto, saudaram telegràficamente os seus companheiros do Um.

Saldanha Carreira, devotado esperantista e aluno de Rodolfo Horner, também saudou os antigos escoteiros do «Um», mas fê-lo na língua esperanto e por telegrama. Foi Luso-Bemaldo quem o traduziu.

SAUDADE

Não seria possível comemorar 50 anos de vida sem que durante tão largo período tivessem partido para o «eterno acampamento» alguns dos companheiros do Grupo Um. Estes não podiam ser esquecidos e uma nota de saudade ficou assinalada. O antigo escoteiro-chefe Cosme Vieira Leitão fez a chamada dos irmãos falecidos e dois minutos de silêncio foram solenemente guardados em sua homenagem.

A LIÇÃO DO PASSADO

Felizes aqueles que sabem reter as constantes lições que a vida proporciona. E que grandes lições o passado nos deixa quando as sabemos interpretar. Foi o Rev. Eduardo Moreira quem assumiu neste momento o feliz encargo de reter a lição do passado do Primeiro Grupo, e fê-lo com aquele brilho e profundo sentido que lhe é reconhecido. E começou: «Permiti que eu venha quebrar lanças pelo Passado, essas lanças que já passaram, substituídas por coisas menos leais porém mais eficientes.

«Eu sei que hoje se desprezam os *passadistas* e que também se receiam as *ultrapassagens*, termos que contêm o mesmo étimo mas nada têm de comum. Todavia tudo que no presente se constrói é feito de material do Passado. A nossa própria presença, sendo pràticamente presença, deve-se a um convite passado. Convençamo-nos de que a nossa existência inteira é uma história passada e uma esperança do futuro».

Depois de dissertar sobre este mesmo tema, o orador prosseguiu «Falemos pois do passado do Escotismo em Portugal; do passado do Grupo n.º 1, do vosso e do meu passado: dos que estão vivos e acabam de realizar um milagre de fraternidade, e dos que nos deixaram já e hoje recordamos com saudade.

«Todo esse passado é um manual simbólico da arte de viver, e a sua lição valiosa está no conviver, no compreender, no estimar, no escolher, no servir. A lição do Escotismo no seu amor à natureza, o preito de honra a Deus, a sua confraternização humana, o seu esboço de técnica, *quantum satis*, o seu culto da tolerância e da alegria».

O Rev. Moreira referiu-se ao exemplo de tolerância e bondade que foi dado pelos dois grandes obreiros da União: Rodolfo Horner e Roberto Moreton. Citou B.-P. e disse que ele tinha sabido encontrar o caminho do coração e da mente juvenil e por isso o Escotismo se tinha ràpidamente desenvolvido pelo mundo. Terminou desejando que a lição do passado do Grupo Um pudesse constituir um estímulo para os escoteiros actuais. As palavras do antigo dirigente escoteiro e cooperador das primeiras horas do grupo aniversariante foram coroadas por vibrante salva de palmas.

«Começo o meu testemunho por afirmar que durante a minha vida mais de uma vez tive de agradecer à Divina Providência haver encaminhado os meus passos para o 1.º Grupo de Escoteiros» — afirmou o antigo escoteiro-chefe do grupo Um, Sr. Cosme Vieira Leitão.

O orador felicitou-se por ter encontrado «dois mestres perfeitos no sacrossanto trabalho de encaminhar a mocidade para uma vida sã, os srs. Roberto Moreton e Rodolfo Horner, ambos dirigentes do trabalho entre os jovens na União Cristã da Mocidade, pessoas que com os seus esclarecimentos e conselhos, e sobretudo com os seus exemplos de vida pacífica e digna, muito e muito contribuíram para a formação espiritual e moral de muitos e muitos jovens que durante anos tiveram o privilégio de conviver com estes dois grandes amigos, que a morte já há muito afastou do nosso convívio».

Depois de se referir àquilo que em rapaz o levou ao Grupo n.º 1: O fardamento, os passeios, os acampamentos e o ensejo de uma vida mais livre das sujeições paternas, Cosme Leitão acrescenta: «E assim iniciei a minha vida de escoteiro e assim entrei no convívio duma nova família constituída pelos meus camaradas escoteiros e tendo como chefe Ernesto de Sousa, que, graças a Deus, e apesar de mais de 40 anos de permanência nos Estados Unidos da América, voltou ao convívio dos seus antigos camaradas e amigos sem nada

Grupo de Escoteiros de Portugal

significado a sessão comemorativa

ter perdido das suas qualidades de Português amante da sua pátria, e ainda desejoso de dar o seu contributo no trabalho em prol da mocidade portuguesa».

E mais adiante: «Foi no escotismo, pelas palavras e pelo exemplo de chefes nados e criados nos princípios da ética escotística que me preparei para enfrentar com sucesso os escolhos que a todos os jovens se apresentam na vida; para entrar na maioridade cônscio dos meus direitos mas, e principalmente, também dos meus deveres».

«Na escola escotista aprendi a obedecer, para poder ser obedecido; a respeitar, para poder ser respeitado; a falar verdade, para que não nos mintam; a sofrer com resignação, para não desesperarmos, a sermos dignos, sem orgulho desmedido; a mantermos a nossa personalidade, sem ofender a outrem. É que, jovens escoteiros, da nossa e vossa passagem pelas fileiras escotistas, alguma coisa mais deve ter ficado, deve ficar, e fica decerto, do que a lembrança dos passeios, das festas, dos acampamentos. Deve ficar, principalmente, o imperativo de cumprirmos os nossos deveres de bons filhos e bons pais, se e quando o formos, e sempre bons cidadãos. Devemos demonstrar pelo nosso procedimento, e onde quer que nos encontremos que o nosso carácter foi formado na escola escotista, onde o corpo e o espírito se cultivam juntamente».

Uma calorosa salva de palmas premiou o sentido testemunho do antigo escoteiro Cosme Vieira Leitão.

Júlio dos Santos Trindade recorda a intensa acção educativa e cultural da União Cristã da Mocidade e do Grupo n.º 1.

Júlio dos Santos Trindade, bibliófilo distinto e apreciado coleccionador de arte, espírito aberto desde muito jovem a tudo o que à cultura concerne, dava o seu testemunho acerca da Educação no Grupo n.º 1. E fê-lo com a sinceridade de quem sentiu a profícua influência da acção educativa da União Cristã da Mocidade e do seu Grupo de Escoteiros, organismos que operavam em tão estreita cooperação que seria difícil por vezes separar as duas actividades. O estado de saúde não permitia que Santos Trindade usasse da palavra, pelo que a leitura do seu testemunho foi feita pelo seu amigo sr. Martins de Almeida (Luso Bemaldo).

O sr. Trindade começou por se referir ao «antigo chefe e grande amigo Ernesto de Sousa, recentemente regressado dos E. U., que trouxera na sua enorme bagagem, acumulada em mais de 4 décadas, imensas coisas maravilhosas, mas, de entre todas, a que mais me seduziu foi um precioso elixir, que actua pelo contacto com o seu feliz portador e tem o raro condão de eliminar a tal ponto os anos decorridos que os seus antigos companheiros do Primeiro Grupo de escoteiros passaram desde o seu regresso a reviver, màgicamente, em todos os seus detalhes com o mesmo encantamento, os saudosos tempos da juventude, isto pelo menos até ao momento da presente sessão solene, com a qual terminará o magnífico programa das comemorações do cinquentenário da fundação do Escotismo em Portugal.»

Depois de historiar a sua passagem pelo Grupo n.º 1, o seu interesse juvenil e a maneira como encontrou ali satisfação para o seu espírito curioso, o orador passou a ocupar-se do sector cultural, e disse: «Dir-lhes-emos que no próprio ano da nossa inscrição em 1913, paralelamente com a promoção a Guia da 4.ª patrulha, a Gato, frequentámos com aproveitamento algumas aulas de línguas, tendo porém especial predilecção pelo Esperanto».

«Vem a propósito dizer que dentro em pouco, em 1915, regíamos, a convite do sr. Horner, um curso elementar da língua esperanto, de cujo curso aquele nosso saudoso e ilustre amigo deu, como de costume, notícia à imprensa, o que teve algumas curiosas consequências, como, por exemplo, o facto de nós, ostentando os calções do fardamento, estarmos leccionando pessoas de apreciável idade e categoria, tais como os falecidos srs. Almirante Xavier de Brito, que havia sido ministro da Marinha no gabinete do General Pimenta de Castro; e Professor Tenreiro, pai do ilustre sr. Almirante Henrique Tenreiro — grande figura actual do Escotismo — o qual professor vinha propositadamente do Barreiro assistir às aulas nocturnas, com risco de perder o vapor para o regresso. Escusado seria dizer que citamos este curioso facto sòmente para dar uma ideia do nível cultural e do prestígio que então mantinha o Grupo n.º 1 e a União Cristã da Mocidade.

«Também recordo com saudades as constantes sessões culturais em que alguns de nós fazíamos conferências versando temas indicados com poucos dias de antecedência, e até alguns discursos improvisados sobre assuntos tirados à sorte na própria sessão».

O orador explica que para atingir o que ele chama «ginástica intelectual», os escoteiros dispunham de uma biblioteca na União e ouviam constantes conferências dos «queridos mestres e amigos Roberto Moreton, Eduardo Moreira, Ernesto de Sousa, Martins de Almeida, Santos e Silva, Mota Sobrinho, Rev. Figueiredo, Carlos Swan, Maxwell Wright, Paulo Torres, José Ilídio Freire, etc etc., isto sem falar nas altas personalidades que esporàdicamente nos visitavam, tais como o Barão de Stark, Miron Clark e muitos outros. Por outro lado, guiados pelos srs. Eduardo Moreira, Capitão Álvaro de Lemos e demais elevadas mentalidades, cheios de dedicação ao grupo, realizávamos frequentes visitas aos Museus, designadamente ao de Artilharia, Etnológico, Nacional da Marinha, dos Coches, Liga Naval, Arte Antiga, Torre de Belém, Aquário do Dafundo, oficinas dos jornais «Diário de Notícias» e «Século», etc. Destas visitas resultou para os rapazes o gosto pelas letras, pelas artes e pela cultura em geral, e tanto assim que muitos deles constituíram carinhosamente nas suas casas colecções de mineralogia e de insectos classificados, herbários, etc».

«Nós, e alguns outros, fazíamos frequentes composições poéticas a propósito dos acontecimentos e figuras mais notáveis, havendo entre nós, além de poetas, notáveis artistas, tais como o exímio desenhador e pintor Humberto Martins, que tinha a seu cargo a decoração das nossas salas e a ilustração dos nossos cartões, diplomas, impressos, etc».

«A par deste conjunto admirável de oradores, escritores e artistas, ainda tínhamos o exemplo vivo de algumas famílias modelares na sua conduta moral e nível intelectual, como sejam a família Amorim Chamusco, que deu dois escoteiros admiráveis de aprumo e inteligências, e as suas três irmãs tão belas como puras e dedicadas ao nosso movimento; a família Canuto, de tão notáveis tradições e finalmente a privilegiada família Figueiredo, cujo chefe era um modelo de virtudes e nos deu três admiráveis filhos, o saudoso Dr. Eurico de Figueiredo, grande poeta, pianista e conferencista, de sua profissão professor liceal, cujo nome foi dado ao próprio colégio Liceu de São Paulo, onde leccionou durante largos anos; Dr. Leopoldo de Figueiredo, ilustre médico e grande camarada: e o nosso simpático João Pedro de Figueiredo, que tanto trabalhou para o escotismo».

Depois de ter dito que outras famílias prestaram também notáveis serviços, cujos nomes não retinha agora, continuou: «Como expressão máxima da cultura do Grupo n.º 1, não posso deixar de citar, terminando, o movimento intelectual cristão, criado pelo brilhante espírito ecléctico do Rev. Eduardo Moreira, com um audacioso programa de teses profundas sobre filosofia, pedagogia cristã, estética, sociologia, etc. etc., tudo com vista ao seu principal e expresso objectivo de orientar a mocidade no meio do tremendo choque de ideias que a vida moderna implica. Ora esta «vida moderna» era há 50 anos, por onde se verifica a oportunidade que teria ainda hoje para todos os jovens um trabalho deste género». O orador terminou saudando todos os presentes e as suas últimas palavras foram acolhidas com muitas palmas do numeroso auditório.

ACTO DE GRATIDÃO

A gratidão é verdadeiramente fruto de almas nobres, a única recompensa bem acolhida por todos aqueles que generosamente servem qualquer causa. Os antigos escoteiros do Um, tantos anos volvidos, conservam ainda os seus corações cheios de gratidão para com aqueles que na sua juventude os apoiaram nos trabalhos da sua velha unidade. Ernesto de Sousa recordou factos relacionados com a vida do grupo, trabalhos gentilmente dedicados aos escoteiros por bons amigos; citou nomes, atitudes, ofertas, com uma memória excepcional. Foram assim recordadas as famílias Chamusco, Vilar, Pestana, os srs. Ilídio Freire, Clímaco do Nascimento (pai dos nossos companheiros João, Ernesto e Virgílio) e citou a colaboração que cada um prestara ao Um. Como estavam na sala senhoras representantes de todas essas famílias, excepto da família Pestana, foram chamadas e receberam lindos ramos de cravos e fortes salvas de palmas. Igualmente Ernesto de Sousa prestou homenagem a Albano da Silva, Cosme Vieira Leitão, e Humberto Martins, três dedicados chefes do Um, pelo trabalho desempenhado na Comissão Executiva das comemorações e pelo seu exemplo de fraternidade, tendo as respectivas esposas recebido ramos de cravos.

O Rev. Eduardo Moreira, a sua generosa contribuição para o brilho das comemorações e dedicação à juventude, mereceram palavras de muita gratidão a Ernesto de Sousa, que o abraçou comovidamente, entregando a sua esposa um ramo de cravos. A mesma oferta foi feita ao General Jorge Oom e Vasco da Silva, antigos escoteiros do Grupo 3, cuja camaradagem com o Grupo 1 foi recordada e elogiada, sendo premiada com muitas palmas.

O Sr Frederico Pereira Jardim, segundo comandante dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, recebeu também as homenagens dos Antigos escoteiros do Um, extensivas à patriótica corporação que representava. O chefe do Grupo n.º 2, que na véspera depositara um ramo de flores na campa de Roberto Moreton, recebeu igualmente um ramo de cravos em reconhecimento do seu simpático gesto.

Luís Simões Aurélio, o homem *sempre pronto,* cooperou

Pág. 6 ——→

O Cinquentenário do Primeiro Grupo de Escoteiros de Portugal

← Pág. 5

com a comissão executiva com sua habitual boa vontade e desejo de servir. A comissão reconhecida entregou a sua esposa um ramo de cravos com uma forte salva de palmas.

Ernesto de Sousa referiu-se ainda com palavras de muita generosidade e simpatia ao Director do «Sempre Pronto», cujo trabalho na imprensa escoteira elogiou, tendo também entregue a sua esposa um ramo de cravos. Porque esta homenagem se deve entender como prestada a todos aqueles que trabalham em «Sempre Pronto» ou com ele colaboram dedicadamente, elas têm para nós um significado muito grato e certamente, servirão de estímulo para todos redobrarmos de esforços a favor desta causa.

E esta manifestação de gratidão encerrou com a homenagem ao presidente da mesa, o Escoteiro-Chefe-Geral sr Comodoro Daniel Duarte Silva, a quem foi entregue um ramo igual de cravos e os cumprimentos dos antigos escoteiros.

Uma interessante lembrança do Grupo N.º 5

Quando Sir Ernest Shackleton, em 1921, partiu para o Polo Sul, fez-se acompanhar de dois escoteiros, honrosamente escolhidos para participarem na gloriosa viagem. Na sua passagem por Lisboa, o Explorador e os dois escoteiros visitaram a União e confraternizaram com os Escoteiros do Grupo 1. O Grupo 5 possuía uma interessante fotografia dessa data, onde são vistos os visitantes na companhia dos escoteiros, não só do Um mas de outras unidades de Lisboa, tendo aproveitado esta oportunidade para oferecer, devidamente emoldurada, uma reprodução daquela histórica fotografia. Ernesto de Sousa ficou sensibilizadò, e agradeceu penhoradíssimo ao Caminheiro Félix Bragança, que em nome do 5 fizera a entrega, tendo-lhe retribuído eom outro ramo de cravos.

O Escotismo é sem dúvida um método dos mais práticos na educação da mocidade.

O movimento dos Antigos Escoteiros tem real significado e interesse porque não preconiza uma atitude simplesmente saudosista. É certo que olha para o passado para lhe aproveitar as lições, como vimos no discurso do Rev. Moreira, mas depois procura focar o futuro, tentando à luz das lições colhidas as soluções para os problemas presentes. Foi Ernesto de Sousa quem assumiu o encargo de dissertar sobre «O futuro do Escotismo em Portugal», evidenciando a sua alma de Escoteiro e o grande amor que dedica a Portugal e à sua juventude. E disse: «O assunto é sem dúvida vasto. Ele vai além das fronteiras da mera visão bem intencionada ou de um simples ideal querido por muitos. O Escotismo Português diz respeito a Deus, Pátria e Família. Está ligado a valores educacionais duma vida mais intensa de ensinamentos e amor divino, de apreço pela nossa querida Pátria e um conjunto mais harmónico dos nossos deveres para com ela». Focou ainda a relação com a família, afirmando: «Escotismo é sem dúvida um método dos mais práticos na educação da mocidade. Adapta-se fàcilmente às muitas modalidades inerentes à educação integral da mesma».

Passando a referir à situação presente do Escotismo nacional, Ernesto de Sousa preconiza: «O Escotismo, apesar, de deficiências, continua à disposição de valores nacionais e educacionais como uma causa altamente proveitosa para o bem da mocidade.

«Certos disto, o Escotismo deveria rejuvenescer as suas fileiras com mais elementos de alto valor educacional para enfrentar corajosamente os grandes problemas da nossa mocidade actual e futura».

O orador analisou depois a situação histórica que Portugal atravessa, apelou para o amor patriótico e afirmou o dever que todos têm de fazer um esforço que prepare o nosso país para vencer as dificuldades da hora presente e acrescentou: «Hoje já não é questão de concordar ou não com isto ou aquilo. É questão de uma renascença espiritual, moral e cívica, económica, científica, artística, etc. sim, uma educação criativa, integral, bem equilibrada para preparar eficientemente a nossa mocidade para dias de maior glória e de maior bênção para a nação portuguesa.

«É aqui que o Escotismo encontra a sua oportunidade, a maior e mais ideal através de toda a sua história, de um esforço altamente criativo, fazendo convergir todas as forças latentes para a organização dum plano cuidadosamente estudado e no qual participem altos valores educativos da Nação».

Concretizando as suas ideias, esboça então o seguinte programa:

«Que se obtenha, pelo menos temporàriamente, um mínimo possível de pessoas das mais qualificadas no país para se planear um verdadeiro currículo da educação nacional escotista.

«Que a Associação dos Escoteiros de Portugal tome necessárias medidas para enfrentar esse novo esforço.

«Que sejam obtidos meios financeiros para a manutenção de um pequeno grupo de pessoas qualificadas para a acção educacional e administrativa da A. E P., retendo esta toda a autoridade para a direcção geral do Movimento.

«Que seja feito um esforço especial para angariar donativos de indivíduos, instituições, comércio, indústria, etc., a favor da difusão e progresso do Escotismo.

«Que seja encontrada uma nova sede capaz para todas as actividades do Escotismo Português, presentes e futuras, com espaço para cursos, o laboratório da acção, e ainda uma biblioteca suficientemente adequada para a instrução a ministrar. Que nessa sede se realizem festas, e actividades escotistas, prelecções, exibições. tendo portanto uma sala com capacidade para cerca de 500 pessoas.

«Que um novo campo especial permanente perto de Lisboa seja conseguido para nele se realizar um intenso trabalho de instrução escoteira, desde subguias, guias, chefes, directores de grupos, comissários e de todas as entidades a interessar no Movimento».

O orador desenvolveu ainda largamente o seu pensamento, sugerindo a cooperação com o Instituto de Educação Física, professorado, institutos pedagógicos, escolas médicas, militares, navais, etc. Lembrou também a realização de um Congresso sobre problemas educativos e escoteiros, para o qual seriam convidadas individualidades nacionais e estrangeiras, particularmente representantes do Escotismo Brasileiro, com o qual deveria ser estabelecida uma mais íntima colaboração. Projectou também a realização de uma grande exibição escoteira num estádio de Lisboa e a montagem de uma exposição permanente de todos os valores educativos ao serviço do Escotismo no Mundo, como literatura, filmes, fotografias, arte, música, etc., etc. Preconizou ainda um grande esforço de propaganda, para o qual se solicitaria a cooperação da imprensa, da rádio e da televisão.

E terminou declarando: «Eu sei que as dificuldades são grandes mas também sei que para grandes males, grandes remédios. É necessário que um espírito de vitória comece a dominar a lusa mente e que se junte um grupo de pessoas decididas a arriscar muito para alcançar o êxito dos seus esforços beneméritos. É no campo educacional que se travam as grandes batalhas. Um país é forte segundo a educação do seu povo. Que o Escotismo Português se lance de alma e coração nesse alvo tão valoroso e meritório, são os meus votos sinceros».

As palavras optimistas de Ernesto Sousa foram coroadas por uma calorosa salva de palmas.

ERNESTO DE SOUSA FOI GALARDOADO COM A «LIS DE PRATA»

O presidente da mesa levantou-se para proferir as palavras finais, felicitando os antigos e actuais escoteiros do Um pelo seu aniversário e pelos actos comemorativos, cujo brilho acentuou. Referiu-se com palavras de louvor ao discurso do Rev. Eduardo Moreira cuja dedicação à causa da mocidade elogiou.

«Com bastante mágoa não pude acompanhá-los em todos os actos comemorativos do 50.º aniversário da fundação do vosso Grupo. Fiz-me, no entanto, representar na romagem à campa do vosso saudoso amigo e presidente Sr. Roberto Moreton, juntanto, assim, às vossas as minhas homenagens a tão valoroso companheiro.

«Inúmeras têm sido as vezes em que tenho verificado que os escoteiros possuem uma virtude hoje já rara: a gratidão. Prestando homenagem a Roberto Moreton e a Rodolfo Horner, que contribuíram poderosamente, com os exemplos das suas vidas, para a vossa educação, honraram-se e dignificaram o Escotismo». E mais adiante:

«O 1.º Grupo tem uma história que não convém esquecer e por isso exorto também os novos a seguirem os exemplos de todos aqueles que prestaram bons serviços, nas nossas fileiras, daqueles que na verdade seguiram os princípios do Movimento.

«Sr. Ernesto de Sousa:

«Há momentos premiámos com as nossas palmas as vossas palavras de encorajamento ao novos e as vossas palavras de agradecimento àquelas pessoas que prestaram a sua valiosa colaboração ao 1.º Grupo.

«Mas esses «rapazes» que há mais de 40 anos serviram sob o vosso comando e cujas vidas exemplares testemunham amplamente o belo resultado da vossa acção, desejam certamente que o actual Escoteiro-Chefe-Geral diga alguma cousa de apreço e que seja grato aos seus corações.

«Acredite que se o Chefe Ernesto de Sousa, lá na América, durante tantos anos, se consumiu de saudades, também, os escoteiros não o esqueceram e aguardavam ansiosamente a ocasião para lhe di-

Pág. 7 →

O Chá de Confraternização dos Antigos Escoteiros do Grupo Um

As comemorações das bodas de ouro do Grupo n.º 1, que se revestiram de significado invulgar, tiveram início em 7 do passado mês de Abril com um chá de confraternização na Pastelaria Colombo.

Reuniu apreciável número de convivas, muitos dos quais pertenceram ao efectivo daquele famoso grupo. Outros antigos escoteiros de diversas unidades, mas que por razões de ordem sentimental e por admirarem o excepcional ambiente e elevados princípios que ali reinaram, se sentem de alguma maneira a ele ligados por laços de natureza espiritual

O sr. Rev. Eduardo Moreira, um homem que, como dirigente desse Grupo, deixou uma obra que ainda hoje perdura, presidiu à amigável reunião tendo dirigido, logo no princípio, palavras de saudação a todos os presentes.

O chá iniciou-se no meio da maior cordialidade entre todos os presentes. Os antigos escoteiros aproveitaram a oportunidade para trocarem entre si impressões sobre as pequenas peripécias que caracterizaram a vida desse Grupo e que constituem hoje um espólio muito valioso das suas recordações.

Em alguns rostos viam-se sinais evidentes de emoção. Quando o sr. Rev. Eduardo Moreira se levantou para dizer algumas palavras sobre o acto que se comemorava, foi acolhido com uma esfusiante manifestação de simpatia.

O orador começou por recordar o que foi a actividade do Grupo Um e das figuras que a inspiraram: — os srs. Rodolfo Horner e Roberto Moreton, activos dirigentes da União Cristã da Mocidade, que tiveram a imediata percepção do valor educativo do Escotismo e o introduziram, por isso, na agremiação a que emprestavam o seu concurso.

Falou a seguir o director deste jornal, sr. Eduardo Ribeiro, que afirmou ser dos que não pertenceram ao Um. No entanto, queria salientar uma das principais características que a acção daquele possuía — o valor do seu testemunho. Teceu considerações sobre o espírito que reinou naquela unidade escotista, de cuja projecção resultara o impulso que o movimento tivera nesses primeiros tempos no nosso meio.

Foram, a seguir, lidos telegramas dos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, antigo escoteiro, e João Madeira Leitão, escoteiro-chefe do Grupo n.º 2, a congratularem-se com o faustoso acontecimento.

Usou depois da palavra o sr. Ernesto de Sousa, escoteiro chefe do Um no seu período mais brilhante, o qual não conseguiu esconder a comoção por, após uma ausência de 40 anos nos Estados Unidos da América, se encontrar naquela reunião. Recordou os nomes dos pioneiros do Grupo Um — Horner, Moreton e Frank Giles — dizendo que era enorme a influência que, em especial a primeira daquelas personalidades, tiveram na sua vida.

Referiu-se também ao sr. Rev. Eduardo Moreira ao imenso prazer que tinha em o ver presidir àquela reunião.

Depois de tecer algumas considerações sobre o país donde há pouco regressara, terminou afirmando que voltava com a firme disposição de aqui permanecer.

Verificou-se depois a chegada do sr. Henrique Casquilho, antigo escoteiro que há muitos anos reside em Coimbra, o que lhe valeu uma espontânea salva de palmas de todos os presentes.

Quando o sr. Teodoro Müller se dirigiu ao sr. Casquilho para o abraçar, este perguntou-lhe:

— Quando foste ao Porto ficaste aleijado de um olho, lembras-te?

Era este o ambiente que reinava então na sala, todos procurando reviver acontecimentos que tantos anos depois, ainda perduravam como saborosas recordações.

O sr. Eduardo Quintino aludiu à sua possível passagem pelo Grupo Um, e o sr. António Gonçalves, ilustre maestro da Banda do Montijo que tão garbosamente tem actuado no estrangeiro, contou que o gosto dele pela música fora originado no Grupo Um onde aprendera a tocar um flautim que um grupo de escoteiros ingleses ali deixara. E o sr. António Gonçalves continuou:

— Falar do pífaro pode ser para muitos uma brincadeira, mas para mim não pode ser referido como uma anedota, mas sim como uma coisa muito séria. O pífaro influiu muitíssimo na minha vida. Amo muito a minha profissão de músico. No escotismo recebi, como esta, lições muito proveitosas para a minha vida. Este ano estou preparando, a fim de as levar a Holanda, três bandas de música.

O sr. João Clímaco do Nascimento também descreveu o caso de uns «fantasmas» que apareceram, durante um fogo de conselho, num acampamento do Um em Fonteireira. Mais tarde. Os escoteiros verificaram, que os «fantasmas» não passavam de gente das redondezas que vinha ouvir os escoteiros cantar. Essas pessoas gostaram tanto de confraternizar com os escoteiros que uma delas ofereceu a todos uma boa refeição.

Também o sr. Cosme Vieira Leitão contou o episódio de um susto que foi pregado a uma sentinela que guardava o acampamento.

E foi desfiando curiosas recordações como estas que os antigos escoteiros do Um regressaram a suas casas, satisfeitos por terem vivido em espírito acontecimentos que tão profundamente lhes estão gravados na alma.

Escot.-Chefe Henrique dos Santos Barroqueiro

Vindo dos E. U. A., encontra-se no nosso país em gozo de férias o nosso estimado amigo e assinante, antigo membro do C. N. E., que por ocasião do Acampamento Internacional de Patrulhas de São Paulo, em 1954, foi chefe do campo onde esteve instalada uma das nossas patrulhas e ficou um grande amigo dos nossos rapazes. Mais tarde o Chefe Barroqueiro deixou o Brasil e instalou-se nos Estados Unidos. Esteve na sua terra, em Murtosa, e embarcou em Lisboa, de regresso aos Estados Unidos, no dia 23 do corrente.

* ● *

PUBLICAÇÕES

BRASIL

Está publicado o n.º 20 desta excelente revista, referente a Fevereiro-Abril, publicada pelo Serviço de Propaganda e Expansão Comercial da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Como sempre, traz muito boa colaboração acerca da vida comercial, industrial, literária e artística do país irmão.

* ● *

O Cinquentenário do 1.º Grupo

← *Pág. 6*

zerem: Obrigado, Chefe, por tudo quanto fez por nós.

«A Associação dos Escoteiros de Portugal, através da sua Direcção Central, que em mim delegou, resolveu, por sua vez, pagar a sua dívida, e por isso é-me grato anunciar que, aos agradecimentos dos seus rapazes de há 40 anos, se juntam os da A. E. P. Esta quer fazê-lo, conferindo-lhe a sua mais alta recompensa — a Lis de Prata — e os seus escoteiros querem terminar esta sessão dedicando-lhe a sua maior salva de palmas».

— CANTINHO DOS MAIS NOVOS —

A romagem dos antigos escoteiros do «Um» à campa de Roberto Moreton vista por «Lobo Negro», o jovem jornalista já conhecido dos nossos leitores

Eram precisamente 14 horas e 45 minutos quando começaram a chegar ao Cemitério Inglês, em Lisboa, vários dirigentes escoteiros, antigos escoteiros, actuais escoteiros e membros da Direcção Regional. Eram 15 horas quando os presentes se encaminharam para a campa de Roberto Moreton.

Primeiro falou o antigo E. C. do Grupo n.º 1, Ernesto de Sousa, sobre a vida do homem que se interessou muito pela mocidade portuguesa.

Seguidamente tomou a palavra o Rev. Eduardo Moreira, que também falou do mesmo homem, que foi Roberto Moreton. Em continuação do seu discurso ele citou duas palavras célebres em referência ao falecido e que são as seguintes:

«Os mortos passam depressa» e «Os mortos mandam».

Em seguimento desta homenagem em memória de Roberto Moreton, todos os presentes guardaram um minuto de silêncio ao qual se seguiu a homenagem dos escoteiros do Grupo n.º 2, que depositaram sobre a campa um ramo de rosas.

Após isto, o Rev. Moreira proferiu uma breve oração em memória daquele que muito contribuiu para o engrandecimento do Escotismo em Portugal. Embora inglês, ele orgulhava-se do desenvolvimento da mocidade portuguesa. Chamou-se Roberto Moreton.

A visita à antiga sede do Grupo n.º 1

Seguidamente, os presentes seguiram para a Rua das Gaivotas, onde foi antigamente a sede do 1.º Grupo. Os antigos escoteiros recordaram ali os belos momentos passados quando jovens na sua antiga e velha sede do grupo a que pertenceram.

LUÍS FILIPE GOMES
(Lobo Negro)

° ● ° ● °

«Sempre Pronto» EM FARO



Por motivos da sua vida particular, solicitou a demissão de agente-correspondente em Faro, o nosso estimado amigo, Escoteiro Eduardo dos Santos Gonçalves. Interinamente, este lugar foi desempenhado ùltimamente pelo nosso dedicado amigo e assinante sr. Manuel José Martins, que acaba de nos propor um novo elemento para o desempenho efectivo do cargo. A estes solícitos colaboradores, «Sempre Pronto» apresenta os seus agradecimentos pelos serviços úteis que gentilmente prestaram.

O novo Agente-Correspondente é o Escoteiro José Eduardo P. Gago, um jovem prometedor, filho do Antigo-Escoteiro e nosso amigo sr. José Gago, há anos assinante do nosso Jornal.

Ao novo colaborador apresentamos sinceros cumprimentos de boas-vindas e ficamos certos de que vamos ter por largos anos um representante dedicado e activo. Desde já agradecemos a sua preciosa cooperação.

FILATELIA

50.º aniversário da introdução do escotismo em Portugal

1.ª Vinheta da Fraternal dos Antigos Escot. de Portugal
Concebida e executada por Humberto Martins
Editada pela Secção Filatélica da Fraternal
Emitida aos 23 de Março de 1962



SIGNIFICADO

Ampulheta branca, o tempo decorrido desde o início até aos nossos dias e a pureza de pensamento na sua finalidade.

Em baixo, os emblemas dos movimentos feminino e masculino, cuja sobreposição constitui a insígnia internacionalmente adoptada pelas Fraternais escotistas.

Bandeirolas de patrulhas, com os seus «Totens», um animal para os escoteiros e uma flor para as guias, representando o sistema de patrulhas, factor básico do movimento escotista como tão felizmente Baden-Powell sugeriu.

As cores verde e encarnada, da nossa bandeira, que prometemos e continuamos a defender intransigentemente até ao fim da vida.

Esta vinheta será aplicada no verso da correspondência e foi superiormente aprovada pela administração Geral dos C. T. T.

O produto da venda desta vinheta reverte a favor do S. M. U. da Região Centro.

II Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Tudo se conjuga para que esta exposição, integrada nas comemorações do 50.º aniversário do Escotismo em Portugal, se revista do maior brilho.

A Administração dos C. T. T., que concedeu um valioso subsídio para as despesas da Exposição, montará ali um posto de correio onde será aposto, quando solicitado, um carimbo comemorativo daquele acontecimento.

Emissão de Selos Comemorativa da Conferência Internacional do Escotismo

Está marcada para 11 de Junho próximo esta emissão dos Correios Portugueses. Alguns amigos do estrangeiro estão-se dirigindo a *Sempre Pronto* a solicitar o envio de sobrescritos do 1.º dia com séries completas.

Teríamos muito prazer em obsequiar esses amigos com a oferta desses selos, mas não nos é possível fazê-lo porque a colecção é dispendiosa e elevado o número de pedidos.

Estaremos prontos a atender os pedidos que nos forem dirigidos, que devem vir acompanhados do valor do seu custo (Esc. 15$50) e despesa de correio registado (8$00) para a Europa.

A Romagem á Campa de Roberto Moreton e a visita às antigas instalações da União Cristã da Mocidade, na Rua das Gaivotas

No domingo, dia 8 de Abril p. p., efectuou se a romagem à campa de Roberto Moreton, no Cemitério Inglês, de Lisboa.

Na impressionante cerimónia tomaram parte vários dirigentes escotistas, antigos escoteiros e deputações dos grupos de Lisboa n.ºs 2, 53, 94 e 9.ª Companhia de Guias. Estava também presente a sr.ª D. Violeta Moreton Hall, filha do homenageado.

Reunidos em volta da sepultura do saudoso pioneiro do Escotismo em Portugal, os presentes escutaram, em primeiro lugar, as palavras sentidas do sr. Ernesto de Sousa, que se referiu à personalidade de Roberto Moreton, um homem que, embora de nacionalidade britânica, foi obreiro denodado de tudo quanto pudesse servir a educação da mocidade de Portugal, que ele amou com inigualável dedicação.

O Sr. Rev. Eduardo Moreira, usando a seguir da palavra, teve expressões de enaltecimento para a obra de Roberto Moreton, de quem foi íntimo colaborador. A respeito desse homem de acção, afirmou que tinham pleno cabimento estas palavras: «Os mortos passam depressa, mas são os mortos que mandam».

Depois de um minuto de silêncio em memória, não só de Roberto Moreton, e de sua esposa, D Laura Moreton, cujos restos também estão depositados naquele lugar, mas de todos os pioneiros do Escotismo em Portugal, os escoteiros do 2.º Grupo depuseram um ramo de flores na campa do homenageado.

A terminar, o sr. Rev. Eduardo Moreira, numa breve oração, agradeceu a Deus a dádiva preciosa que constituiu a vida de Roberto Moreton.

A seguir a esta tocante celebração, todos os presentes se deslocaram à Rua das Gaivotas, onde visitaram as instalações em que, ao tempo da fundação do Grupo Um, era a sede da União Cristã da Mocidade e, portanto, também daquele grupo, local de tão saudosas recordações e de tão alto significado na história do movimento escotista na nossa terra.

* * *

Publicaremos no próximo número o relato do Culto comemorativo de Acção de Graças.

Novas Emissões

Em 22 de Fevereiro passado, Dia do Pensamento, os Correios da República Árabe Unida publicaram um selo postal para comemorar o jubileu de prata da Associação das Guias do Egipto. O selo é da taxa de 10 mills, nas dimensões de 42 x 25 1/2 mm. O selo apresenta uma guia em meio corpo em saudação, à esquerda, e à direita a insígnia associativa.

Foi publicada uma folha em inglês e árabe com uma nota histórica e a Promessa e Lei das Guias.

Intercâmbio por correspondência

ESPANHA

Dois jovens escoteiros de Espanha, desejam trocar correspondência com escoteiros portugueses de 12 a 14 anos de idade, escrevendo nas respectivas línguas. São eles:

Narciso Serra Planella
Casa Serra. Salitja — Gerona — España
Pedro Masó
Manso Buixó. Salitja — Gerona — España

Os interessados devem dirigir-se directamente aos seus correspondentes.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Tertúlia de 23 de Abril

O jantar do «Dia do Escoteiro» foi muito concorrido e realizou-se, como de costume, na Rua de S. Paulo, 170, tendo decorrido no ambiente de sincera amizade já tradicional nestes encontros. Lembramo-nos de ter ali visto os seguintes companheiros: Srs. Álvaro Correia, esposa e filha; Daniel Correia, Luís Simões Aurélio e esposa; Humberto Martins e esposa; Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; John Westwood, Mariano Garcia e esposa; dr. Eugénio Henrique Ramos e esposa; Alfredo Tavares Rodrigues e filho; Levi Augusto Lobato, Joaquim Martins Lobato, João H Pereira Soares, António A. Silva e Cunha, Ernesto Clímaco do Nascimento e esposa; Fausto Sacadura e esposa; Augusto Cruz, Eduardo Xavier, esposa e filha; eng.º José Maria Nobre Santos, esposa e filhos; Félix Bragança e esposa; Rev. Eduardo Moreira e esposa; Chefe Guia D. Ilda Correia, Luís Alves Miguel, Capitolino F. Macedo, Rui da Silva Paulo e esposa; Eduardo Ribeiro e esposa; D. Maria Luísa Esteves Pereira e esposo; Luís A. Mag. Esteves Pereira, Júlio Almeida Nogueira, esposa e filha; Alfredo Jorge Gallis, esposa e filha; Albano da Silva, esposa e filho Jorge; Wolf Karl.

O companheiro prof. António Álvaro Dória, de Braga, enviou saudações por intermédio do rev. E. Moreira. Também o companheiro Sr. António L. Guerreiro, do Porto, endereçou um telegrama de cumprimentos.

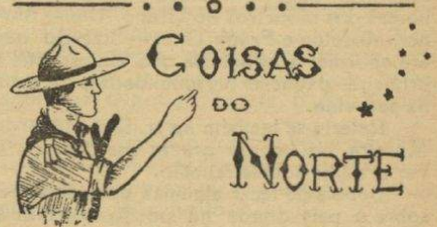
No fim do repasto, o rev. Moreira falou acerca do significado do dia e referiu-se ao espírito de fraternidade que reúne os antigos escoteiros e ao vínculo de amizade que anima o movimento escoteiro.

O Presidente da Direcção da Fraternal, sr. dr. Eugénio Henrique Ramos teve também palavras de saudação para todos os presentes.

Foi uma agradável reunião que juntou 59 pessoas.

* * *

Quando citamos os nomes dos companheiros que se reúnem na tertúlia da Fraternal temos em vista dar uma ideia do interesse da actividade e lembrar aos antigos escoteiros que poderão encontrar no dia 23 de cada mês amigos com quem terão prazer em se reunir. Mas esta citação, baseada em rápidos apontamentos e até feita de memória é necessàriamente imperfeita. Há sempre omissões, mas nós contamos com o espírito de compreensão dos nossos companheiros e estamos certos que tais omissões não só não serão mal interpretadas, como nos serão relevadas.



Grupo N.º 17 — PORTO

Em 9 de Abril passado, realizou-se uma festa na A. C. M. do Porto, organizada com a colaboração do Grupo 17, anexo a esta associação, com sede na Rua José Falcão.

A afluência de público foi notável e toda a festa decorreu num ambiente alegre. Prestaram valiosa colaboração as Guias de Portugal da Companhia instalada no Candal, em Gaia.

O sr. Comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais, foi apresentado pelo Chefe do Grupo 15, sr. Vidal Vieira dos Santos. — *C.*